



O flagelo das drogas

Síntese: *Na contramão do resto do mundo, o Brasil vê o consumo de drogas como cocaína e crack crescer assustadoramente. As autoridades locais têm sido pródigas em anunciar ações de combate e prevenção, mas absolutamente ineficazes para tirá-las do papel. Em maio do ano passado, o governo petista lançou um plano para enfrentar a escalada do uso de crack, que já chega a 98% dos municípios brasileiros. Passado mais de um ano, pouco mais de 10% da verba foi investida. Ao mesmo tempo, os 15,7 mil km de fronteiras por onde a droga ingressa, sem encontrar dificuldades, no país continuam totalmente desguarnecidos.*

O consumo de drogas e entorpecentes continua a ser um grave problema em todo o mundo. Infelizmente, a situação brasileira apresenta-se ainda mais dramática, com aumento considerável do uso de algumas substâncias, em especial o crack e seu devastador efeito sobre a vida dos usuários e suas famílias. O governo federal tem sido pródigo em anunciar ações de combate e prevenção, mas absolutamente incapaz de tirá-las do papel.

Hoje, nem mesmo a situação atual do consumo de drogas no país é suficientemente conhecida pelas autoridades brasileiras. A última grande pesquisa sobre o tema foi divulgada no ano passado pela Secretaria Nacional Antidrogas (Senad), vinculada à Presidência da República. Mas seus dados foram colhidos cinco anos antes.

A Senad revelou que 22,8% dos brasileiros entre 12 e 65 anos admitiram já ter consumido algum tipo de substância ilícita durante a vida. Segundo o levantamento, o Brasil tem hoje algo como 5 milhões de usuários habituais de maconha, 1,3 milhão de cocaína e cerca de 900 mil de crack. Entre os entrevistados, a maconha tem prevalência mais alta: 8,8% admitiram já tê-la usado pelo menos uma vez na vida. Em seguida, aparecem a cocaína, com 2,9%, e o crack, com 0,7%.

Em todos os casos, os percentuais cresceram em comparação com o estudo anterior, feito em 2001 pela mesma Senad. A situação do consumo de entorpecentes no país, portanto, só piorou, sem que o poder público desenvolvesse ações à altura. Rota de escoamento dos principais produtores mundiais (Colômbia, Peru e Bolívia), o Brasil está na contramão do resto do mundo: enquanto na maioria dos países é decrescente o uso de drogas como cocaína e heroína, aqui o que se vê é o aumento da demanda, em especial do crack.

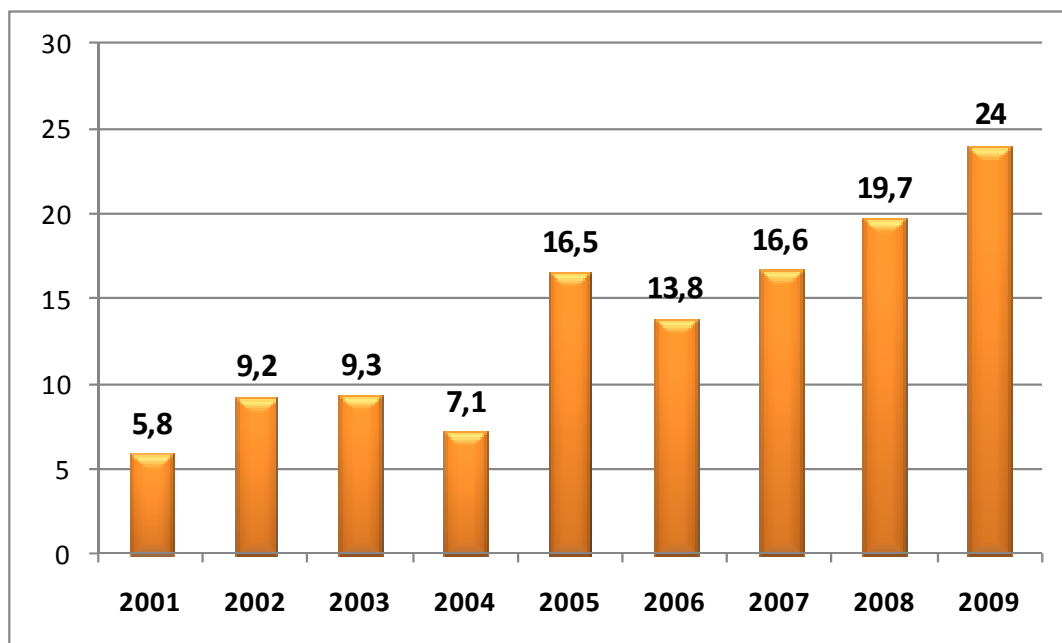
Mais um plano palanqueiro

Considerando que a dependência de cada usuário acaba afetando a vida de toda uma família, somam dezenas de milhões os brasileiros que convivem hoje com o flagelo das drogas. Segundo a Senad, todos os anos 8 mil pessoas morrem e cerca de 140 mil são internadas no país em consequência do consumo de entorpecentes.

Uma situação com esta gravidade merece atenção à altura das autoridades. Mas não é o que se vê hoje. Em maio do ano passado, já em clima de campanha eleitoral, o governo Lula lançou o Plano de Enfrentamento ao Crack e Outras Drogas. Pouco foi feito até agora, porém. O plano previa investimento de R\$ 410 milhões, mas, transcorridos mais de um ano e dois meses, o governo só liberou R\$ 43 milhões do anunciado, de acordo com o Siafi. A gestão petista tem dito que espera a conclusão de uma nova pesquisa sobre o uso de crack, a cargo da Fiocruz, para agir.

Em fevereiro, ainda sem ter o que mostrar, a presidente Dilma Rousseff prometeu uma "luta sem quartel" à droga e anunciou a criação de 49 Centros de Referência em Crack e Outras Drogas, em parceria com universidades públicas. O objetivo é capacitar 14 mil profissionais de saúde e dar assistência social para lidar com viciados e familiares. Hoje, ninguém no governo sabe, porém, dizer quantos já foram treinados – se é que foram. O plano também previa implantar 2,5 mil novos leitos exclusivos para tratamento de dependentes, o que equivaleria a menos de meia vaga por município. Ainda assim, até junho, menos de 300 haviam sido abertos.

Apreensões de cocaína no Brasil (em toneladas)



Fontes: Senad e Unodc

'Grande bobagem'

O descaso com o tratamento dos dependentes de crack está em linha com a visão do governo do PT a respeito do drama das drogas na sociedade brasileira. Recentemente, numa entrevista, a secretária nacional de Políticas sobre Drogas do governo federal, Paulina Duarte, disse que afirmar que o país assiste a uma epidemia do consumo de crack é "uma grande bobagem". Em que planeta será que ela vive?

O problema despertou a atenção da Confederação Nacional dos Municípios (CNM). Segundo levantamento divulgado no fim do ano passado, o crack já chegou a 98% dos municípios brasileiros. Hoje, a droga vitima mais pessoas que todas as demais epidemias virais somadas: estima-se que, nos próximos seis anos, 300 mil pessoas morrerão em virtude do seu uso.

Outra constatação da CNM é que menos de 10% dos municípios do país dispõem de programas institucionalizados de combate ao uso da droga. Até nisso o Plano de Enfrentamento ao Crack e Outras Drogas é limitado: apenas cidades com população acima de 20 mil habitantes serão contempladas com rede pública de atendimento a dependentes. Isso significa que 62% dos municípios brasileiros estão fora do escopo de ação do Ministério da Saúde.

Fronteiras abertas

O Brasil também aparece muito mal em relatório elaborado neste ano pela Organização das Nações Unidas para Drogas e Crime (Unodc). O país já é a terceira maior rota de tráfico de cocaína com destino à Europa e o mercado onde mais se apreende crack no mundo. Não é difícil entender por que é tão visado pelos traficantes: os 15,7 mil quilômetros de fronteiras brasileiras disputam o título de os mais mal vigiados do globo.

O contingente de agentes do Exército e da Polícia Federal é ínfimo; as condições de trabalho, precárias; os equipamentos, obsoletos; e os recursos, insuficientes. Neste ano, o governo colocou no Orçamento da União apenas R\$ 6,5 milhões para bancar a presença das Forças Armadas em toda a fronteira. Destes, apenas R\$ 1,5 milhão foram liberados até agora. Fazendo as contas, são apenas R\$ 100 para cuidar de cada quilômetro de matas, rios e vastas regiões desabitadas.

Intimamente ligada à disseminação das drogas está a explosão de violência em algumas metrópoles brasileiras, em especial no Nordeste: dos 50 mil homicídios registrados anualmente no país, cerca de 70% tem alguma relação com o tráfico. Mas a tesoura do aperto fiscal patrocinado pelo governo Dilma também atingiu fortemente a área de prevenção ao crime. Dos R\$ 4,2 bilhões previstos para o Ministério da Justiça neste ano, o ajuste retirou R\$ 1,5 bilhão (36%). Em consequência, aparatos de vigilância, como o veículo aéreo não tripulado (VAT), permanecem estacionados em hangares sem combustível para voar...

A sociedade brasileira tem se desdobrado para atenuar o martírio dos dependentes. Instituições privadas revelam-se como as que prestam melhor assistência e obtêm os melhores resultados na recuperação de drogados, a despeito do parco apoio oficial. O governo federal, porém, optou por trilhar outro caminho, prometendo investir num modelo de atendimento público. Ainda assim, até agora não conseguiu agir. O drama das famílias flageladas pela dependência às drogas é mais que suficiente para que isso comece a mudar.



“Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV” é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA - www.itv.org.br

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 – 17º andar – Sala 1707 . CEP 70.165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . itv@itv.org.br